

**A VIDA NUA E OS MODOS DE INSUBORDINAÇÃO EM A RESISTÊNCIA DE
JULIÁN FUKS**

**NUDE LIFE AND WAYS OF INSUBORDINATION IN JULIÁN FUKS'S A
RESISTÊNCIA**

Madalena Aparecida Machado¹

RESUMO

O romance *A Resistência* (2018) serve a este artigo como mote de reflexão sobre a vida humana cerceada pelas ditaduras no Brasil (1964-1985) e Argentina (1976-1983), estampada na narrativa. A pesquisa pretende ser uma interpretação possível da literatura com o aparato teórico de Giorgio Agamben (2002), (2009) e (2012), como resultante do que observamos no texto artisticamente construído, os aspectos da linguagem na narrativa, a narração e a figura do narrador. Consideramos em nossas indagações que a literatura em questão traz em seu bojo o impasse visto entre o que é a vida moldada pelo saber e o poder nos termos de Foucault (1987), e a capacidade humana de resistir à vontade de um governo cuja marca é a imposição do estado de exceção. Nesta ficção contemporânea compreendemos que o personagem narrador se harmoniza internamente pela capacidade de convocar o passado da época ditatorial por meio da escrita de si e da família.

Palavras-chave: Sagrado; Estado de Exceção; Forma de vida; Contemporâneo; Resistência.

ABSTRACT

The novel *A Resistência* (2018) is used in this article as a motto for reflection on human life curtailed by the dictatorships in Brazil (1964-1985) and Argentina (1976-1983), as reflected in the narrative. The research aims to be a possible interpretation of literature with the theoretical apparatus of Giorgio Agamben (2002), (2009) and (2012), as a result of what we observe in the artistically constructed text, the aspects of language in the narrative, the narration and the figure of the narrator. We believe that the literature in

¹Doutora em Teoria Literária. Professora e Pesquisadora na Graduação em Letras UNEMAT/Pontes e Lacerda-MT, Credenciada no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLEtras) UNEMAT/Sinop-MT; Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL) na UNEMAT/Tangará da Serra-MT. Brasil. E-mail: dramadalena@unemat.br número do ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8404-4753>

question brings with it the impasse seen between life shaped by knowledge and power in Foucault's (1987) terms, and the human capacity to resist the will of a government whose hallmark is the imposition of a state of exception. In this contemporary fiction, we understand that the narrator character is internally harmonized by his ability to summon up the past of the dictatorial era by writing about himself and his family.

Keywords: Sacred; State of Exception; Form of life; Contemporary; Resistance.

Artigo recebido em: 24/07/2023

Artigo aprovado em: 06/06/2024

Artigo publicado em: 29/07/2024

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v11.4926>

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo propomos uma leitura crítica da obra literária *A Resistência* [2015] (2018) de Julián Miguel Barbero Fuks nascido em 1981 em São Paulo, escritor e crítico literário. É graduado em Jornalismo, com Mestrado em Letras e Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada. Toda sua formação acadêmica foi realizada na Universidade de São Paulo (USP). O título de sua tese de doutorado foi "História abstrata do romance" (2016). Vencedor de importantes prêmios como o Jabuti de Romance Literário (2016) pelo romance *A Resistência*, além de ficar em segundo lugar com este mesmo romance no Prêmio Oceanos do citado ano. Em 2017 vence o Prêmio Literário José Saramago. Suas principais obras são: *Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e eu* (2004), *Procura do romance* (2012), *A Resistência* (2015), *A ocupação* (2019) e *Romance - história de uma ideia* (2021).

Em nossa pesquisa tomando por base o pensamento teórico de Giorgio Agamben em *Homo sacer* (2002), *O que é o contemporâneo?* (2009), *Ideia da prosa* (2012), envidaremos esforços no sentido de um entendimento do romance *A Resistência*, de modo a escrutinar os aspectos da vida nua, os modos de insubordinação construídos artisticamente por Julián Fuks.

A obra chama atenção pelo aspecto político da narrativa. A narração é feita em primeira pessoa e trata da história pessoal do narrador não nomeado, sua relação familiar, principalmente com o irmão adotado, inclusive o livro é dedicado a ele. A história pessoal num primeiro plano é entrelaçada com a História política do contexto, vazada pela ditadura no Brasil que durou vinte e um anos (1964-1985) e na Argentina com vários governos ditatoriais, mas na obra há um recorte pelo período mais duro do regime (1976-1983), também pela exposição da resistência da esquerda, exemplificada pela postura política dos pais do narrador. O termo correlato “insubordinação” tão valorizado no decorrer do romance, demonstra o posicionamento valorizado naquele contexto de falta de liberdade, até mesmo pode ser verificado pelo filho ao narrar para que a história não morra, origem do título do livro. Importante salientar na construção da trama ficcional, o dado real e o biográfico de Julián Fuks, já que seus pais viveram na Argentina e migraram para o Brasil, fugindo de perseguição política, contudo, observamos que prepondera a criatividade no manuseio das palavras, não sua comprovação com fatos verificáveis.

O romance é muito bem escrito com uma linguagem apurada, vocabulário requintado, algo em escassez na literatura atual, marcada pela pressa na publicação. Estruturado em quarenta e sete capítulos curtos, numerados, não nomeados, muito objetivo nas reflexões, sem tom melodramático, usa de recursos técnicos tais como a sobreposição dos tempos, de maneira muito criativa, em que presente, passado e futuro se misturam de modo equilibrado no encadeamento dos fatos, sem prejuízo no acompanhamento por parte do leitor.

Como adiantamos, o fator político não prepondera, apesar do título. O que observamos é um *leitmotiv* a fim de que o aspecto humano, a busca pelo entendimento da relação familiar se torne o atrativo principal do livro. A pergunta que vem à tona como resultante deste processo narrativo é, o que eu sou para o outro? O mais intrigante é a irresolução não só da questão, mas da narrativa, não há final, nem indício de compreensão mútua, vive-se.

2 A PALAVRA LEMBRADA E A VIVIDA

Numa primeira leitura crítica do romance *A Resistência* salta aos olhos os modos de composição escolhidos pelo escritor. Como adiantado, a linguagem é muito bem elaborada, como se fosse um invólucro de um presente ofertado ao leitor que a cada página lida, refina sua emoção com a história narrada. Se o sentido mais profundo tem relação direta com o sentido da linguagem, como propugna Giorgio Agamben (2012, p. 114), o enigma prevalece na literatura já que “o único conteúdo da revelação é aquilo que é fechado em si, o que é velado – a luz é apenas a chegada do escuro a si próprio.” (Agamben, 2012, p. 117). Afirmativa que foi detalhada com profundidade por Giorgio Agamben (2009, p. 66) ao tratar do que é o contemporâneo e que trabalharemos mais à frente em nosso artigo. Pressuposto bastante condizente com o romance em pauta porque o narrador apresenta a história como sendo do irmão adotado, mas ao longo da narrativa este é um mote para esmiuçar a história política dos pais. “Estou entoando que meu irmão é filho e uma interrogação sempre me salta aos lábios: filho de quem?” (Fuks, 2018, p. 10). É justamente a incognoscibilidade do outro que se reverte naquela alguma coisa de nós mesmos, nos termos de Giorgio Agamben (2012), que situamos a interrogação explícita ou velada de que o romance de Fuks se nutre, explicação também encontrada para o título da obra em nossa leitura do romance. O vivido e o lembrado são intercambiados no ato narrativo do romance, de modo que o pensamento e a presença dão conta de um dilaceramento interior do narrador. Cada ser narrativo aprende um jeito próprio de resistir, seja calando-se, seja participando de grupos ou como o narrador, escrevendo. Conforme podemos confirmar neste trecho do romance:

eu só podia sentir quanto minha adolescência era quase. Fosse sábio, teria calado, teria me contido. Não sendo sábio, fiz da bola que tinha nas mãos o verbo que me faltava e a arremessei com força na cabeça do nosso amigo, do amigo do meu irmão (Fuks, 2018, p. 47).

O excerto que explicita a dinâmica interna do ser ficcional, igualmente se mostra uma ilustração da ideia da prosa em discussão, com seus meandros, volteios, um mostrar ao mesmo tempo se resguardar, como na teoria, o escuro vindo ao encontro de si mesmo, de acordo com o que Agamben manifesta teoricamente. A vida destrinchada na narrativa exige do narrador a consciência alerta para o não julgamento das situações sem ter a noção do todo, pois assim como ele não quer enxergar o irmão como a ruína de uma mulher, não quer encará-lo como a salvação de uma família. É simplesmente o irmão amado. As palavras então obrigatórias no sentido de esclarecimento, o natural conhecimento da origem familiar, conforme temos no enredo: “[...] em algum momento o que era palavra se tornou indizível, calou-se a verdade como se assim ela se desfizesse” (Fuks, 2018, p. 14), fizeram-se silêncio, superior ao imposto pelo regime militar com seu aparato de “perseguição [...] terror, tortura e desaparecimentos” (Fuks, 2018, p. 58). Os pais fugindo de Buenos Aires quando o irmão não tinha ainda seis meses de idade, proporciona ao leitor saber acerca da perseguição política, ao narrador maduro, sentir-se duplamente exilado.

Atentamos para outro detalhe à construção narrativa de Fuks, significativo se o situarmos junto a uma tendência da literatura contemporânea, o modo de equiparação com o real. “Isto não é uma história. Isto é história” (Fuks, 2018, p. 23). Ao fazer a afirmação objetiva, contundente e, aparentemente contraditória, posto que estamos lendo literatura, o narrador quer confrontar um pressuposto básico quando nos deparamos com o texto ficcional, ou seja, seu conteúdo foi criado, não pode ser comprovado. Essa afirmação logo abaixo é explicada em termos que a vivência junto ao irmão foi tão intensa que nenhuma palavra registrada dimensionaria sua profundidade. Tanto é que igualmente com uma afirmação ele encerra o capítulo, contudo, nesta parte do texto, o condutor da narrativa adota um tom de incerteza, “Não consigo decidir se isto é uma história” (Fuks, 2018, p. 25). Ressaltamos nesta frase outra peculiaridade do romance em debate: a metanarrativa enquanto elemento propulsor na trama em desenvolvimento. O que entra em discussão é o fator literário

ao narrar a vida de alguém em particular e o aspecto histórico no qual esta vida simboliza uma coletividade.

Ao ponderarmos sobre uma ideia da prosa de Julián Fuks no tocante à política envolta naquela história dos personagens, podemos afirmar que eles “carregam uma esperança sem saída possível” (Agamben, 2012, p. 70), dado à situação de se encontrarem numa espécie de limbo, quando à maneira de *Bartleby* de Herman Melville, preferem dizer “não” ao *status quo* estabelecido. Atitude tomada não só pelos pais, mas também pelo narrador ao reviver os passos deles na Argentina, viver no Brasil na época da ditadura, e não ter a liberdade de expressar os próprios pensamentos.

3 A VIDA NUA, O TEMPO DA RESISTÊNCIA

Buenos Aires, São Paulo, espaços significativos para a narrativa aportada na perspectiva da resistência. A fuga, o exílio, depois o que fazer de si, é algo decisivo na narrativa já que o movimento político de fora interfere diretamente no entendimento interior das personagens. O que dá margem para pensarmos a vida nua de acordo com os parâmetros desenvolvidos por Giorgio Agamben em *Homo sacer* (2002). Neste, vida nua e vida sacra se equivalem, vejamos no próprio texto:

Se chamamos vida nua ou vida sacra a esta vida que constitui o conteúdo primeiro do poder soberano, [...] Sacra, isto é, matável e insacrificável, é originariamente a vida no *bando* soberano, e a produção da vida nua é, neste sentido, o préstimo original da soberania. A sacralidade da vida, que se desejaria hoje fazer valer contra o poder soberano como um direito humano em todos os sentidos fundamental, exprime, ao contrário, em sua origem, justamente a sujeição da vida a um poder de morte, a sua irreparável exposição na relação de abandono (Agamben, 2002, p. 91).

Além desse conceito que é central para nossa discussão no presente artigo, Agamben desenvolve outros conceitos basilares em seu livro, tais como o próprio termo que dá título ao livro *Homo sacer*, Homem sagrado, que se desdobra em outro

conceito muito trabalhado, vida sacra, vida sagrada. Num crescente o filósofo dedica boa parte de sua reflexão a fim de distinguir entre o corpo soberano e o corpo sacro, tendo sua distinção mediada pelo conceito condutor do livro que é o "dispositivo", que trabalharemos mais detidamente no próximo tópico.

A considerar a definição de *Homo sacer* como a sacralização excludente da vida humana, esta "é capturada dentro da ordem através da figura da exceção. Isso significa que na política a vida humana existe dentro do direito, todavia, sempre há a ameaça de ser excluída do direito na forma do *homo sacer*" (Rocha, 2021, p. 90). No livro do filósofo italiano, vemos no conceito o estado de exceção como dispositivo para situações de perigo, algo extrapolado pela negação da humanidade ao outro. Isto é exemplificado no livro pela existência do campo de concentração à época do nazismo igualmente uma exceção na modernidade, se o parâmetro for o cuidado da vida do indivíduo, no sentido emprestado e ampliado de Michel Foucault acerca de temas caros em seus livros: sujeito, poder e saber. A vida humana em questão é o que Agamben considera a pura vida nua, no sentido moderno, pura vida natural.

Na perspectiva de Giorgio Agamben, o poder soberano sobre a vida do outro determinava a existência ou não da humanidade de acordo com a vontade do monarca do momento. Disso resulta em outro conceito aclamado pelo teórico, a biopolítica. O que na visão dele entrelaça direito e política equivale à captura da vida humana. Sendo assim, a vontade soberana mostra-se capaz de suspender a ordem e o direito, ficando a sacralidade da vida à mercê do poder soberano. Reside nesta atitude a figura da exceção com vistas ao controle biopolítico da vida humana. Retira-se do cidadão os direitos políticos enquanto o inclui na vontade do soberano, uma exclusão inclusiva.

Na determinação do que é impuro ou puro passa-se pela ambivalência do sagrado, em sua ressonância temos: "Uma vez formulada, a teoria da ambivalência do sagrado, como se a cultura europeia se apercebesse dela pela primeira vez, difunde-se sem encontrar resistência em todos os âmbitos das ciências humanas" (Agamben, 2002, p. 85). O autor procura desde a etimologia da palavra "sacer" enquanto santo e maldito

a um só tempo, uma explicação linguística para se chegar a divisar a “vida sacra como uma vida consagrada sem nenhum sacrifício possível e além de qualquer cumprimento” (Agamben, 2002, p. 106). Ainda, neste mesmo contexto entende o *Homo sacer* como uma estátua viva, duplo colosso de si mesmo. (2002, p. 106). É importante frisar que a vida humana colocada nesses termos é matéria de discussão em todos os âmbitos das ciências humanas, não deixa de repercutir também na literatura, sendo ela um dos ramos do conhecimento mais completos por se ocupar exatamente da vida humana, seus contornos de emoção colocados em símbolos de acordo com o gênero escolhido pelo escritor.

A vida sacra que é vida nua, conforme disponibilizado pelo autor, entendemos como a vida despojada dos contornos jurídicos ou sob qualquer tipo de tutela, adquire, por outro tanto, um caráter político, terreno, envolta no poder soberano. Na lição do mestre italiano, vida natural e vida sacra, são o mesmo que a vida nua, porém, incompatível com o mundo humano. Sua função política “funda-se no isolamento de uma vida matável e sacrificável” (Agamben, 2002, p. 108), já que o *Homo sacer* se vê banido, uma vez que a vida nua equiparada à vida sacra é determinada pela soberania, ou seja, por quem detém o poder. Por conseguinte, nesta determinação entramos numa zona de descobrimento, de trânsito para o homem se discernir da fera, no debate entre o que é da natureza e o da cultura. Contexto em que o homem pode, ainda, se enxergar na estrutura de bando pelas relações políticas que estabelece e espaços públicos que ocupa. Entretanto, no bando há a maquinaria de poder soberano cuja aparelhagem conceitual visa a manutenção do outro sob seu domínio.

Entendendo o conceito, sua repercussão para a inteligibilidade da vida humana, prensada entre a natureza e a cultura, percebemos que no romance de Julián Fuks, a vida nua é aquela aparentemente moldada pelos ditames do poder político oriundo da ditadura militar. Em ambos os espaços da narrativa, Argentina e Brasil, o tempo histórico era o do impedimento das liberdades, seja do movimento, seja das Ideias. Entrementes, é necessário fazer a distinção teórica entre a narrativa (os acontecimentos

organizados numa ordem de construção estética) e a narração (a vivência destes acontecimentos no texto) mobilizadora da sensação de muitos fatos se desenrolarem no momento do ato da leitura. É o que sentimos no romance quando o tempo passado atravessa o presente e o futuro dos acontecimentos narrados dando conta da vida humana nessa literatura. Diríamos que Fuks desnuda seus seres fictícios intercalando a emoção surgida na mistura temporal da narração, quase uma metanarrativa, conforme lemos neste trecho:

Só queria conhecer o apartamento onde viveram porque estou escrevendo um livro a respeito, e aqui minha voz assume alguma imponência, um orgulho injustificado que tento esconder, um livro sobre essa criança, meu irmão, sobre dores e vivências de infância, mas também sobre perseguição e resistência, sobre terror, tortura e desaparecimentos (Fuks, 2018, p. 57-58).

Um passado marcado pela falta de liberdade, de negação da humanidade ao outro pelo regime de exceção, mas que o narrador enfrenta ao retomá-lo pela narrativa. A vida nua no romance vem exemplificada em muitos momentos como o da personagem Marta Brea, amiga da mãe do narrador, ambas trabalhavam no hospital de Lanús. Em meio a uma reunião do conselho diretivo do hospital, Marta foi chamada às pressas e de acordo com a narração temos:

Correndo até a entrada do hospital, minha mãe ainda pôde testemunhar a brusquidão com que a empurravam e a enfiavam num carro sem placa, a partida súbita e singular daquele carro se repetindo tantas vezes ante seus olhos. Pode ser finito nosso acervo mental de imagens: a cada desaparecimento, a cada sequestro noticiado, minha mãe vê, ou pensa ver, diz ver esse mesmo carro em seu arranque drástico, seu sumiço na primeira esquina, o rastro dos pneus no asfalto (Fuks, 2018, p. 76).

A narrativa prossegue informando que esta foi a última vez que Marta fora vista e trinta e quatro anos mais tarde confirmou-se a morte dela pela ditadura civil-militar em 01/06/1977 (p. 78). A vida sacra também é negada a outro personagem, Valentín Baremlitt, psiquiatra antecessor da mãe do narrador no hospital aludido. “preso um ano depois sem nenhum motivo válido, desaparecido havia mais de um mês,

incomunicável até aquele instante em que os convocara” (Fuks, 2018, p. 81). É quando a família parte ao Brasil, também marcado pela ditadura, a restrição das liberdades, registrada no livro como: “aqui há pesares, é claro, aqui é uma ditadura como lá, aqui a miséria se vê em cada esquina que não há, e no entanto há gente sorridente por toda parte” (Fuks, 2018, p. 86). Por meio dos episódios envolvendo os personagens Marta Brea e Valentín Barembliitt, assim como a marca histórica de 01/06/1977 no corpo da narrativa, há um indicativo direto do contexto histórico da ditadura comum entre Brasil e Argentina. Percebemos por essas passagens do romance em pesquisa, a marca da exceção como desenvolvido por Agamben, a semelhança fica condicionada em termos que:

A exceção opera como estrutura política paradoxal que captura a vida humana e, ao mesmo tempo, a abandona à condição de mero ser vivente. A exceção se torna então uma técnica de controle biopolítico que pode transmutar-se de muitas formas. O estado de exceção é uma técnica jurídica criada pelo estado de direito, o que significa um paradoxo. A figura do estado de exceção desvela a existência da vontade soberana oculta nas penumbras do estado de direito pronta para ser invocada como técnica política de governo da vida humana (Rocha, 2021, p. 92).

Assim percebemos que ambos os espaços, Argentina e Brasil no contexto histórico retomado no romance de Julián Fuks, são agentes negadores da vida humana, a vida sacra, a vida nua nos argumentos de Giorgio Agamben.

4 O QUE É CONTEMPORÂNEO NO ROMANCE *A RESISTÊNCIA*?

O livro *O que é o contemporâneo?* (2009) de Giorgio Agamben propõe uma reflexão bastante substancial em nossa contemplação das vidas observadas pela lente da literatura de Julián Fuks. O italiano ao lançar a pergunta no título do seu livro já adianta o teor indagativo de sua reflexão, de algo que ainda não está pronto, explicado como a própria vida humana.

Tomando o termo “dispositivo” de Foucault², enquanto um mecanismo de compreensão, uma tecnologia que Agamben amplia estando atrelada às relações de poder e saber, o faz a fim de assimilar o aparato político contemporâneo. Para uma nova experiência no recorte temporal o autor encaminha suas hipóteses entre a teoria que se faz e a matéria em sua dimensão ontológica. O dispositivo que na sua etimologia é *Oikonomia* cujo significado em grego é a administração do *oikos*, da casa (Agamben, 2009, p. 35), já está atrelado a uma práxis, isto é, de algo prático. Nesta esfera semântica, o autor extrai o cerne de fratura que, enquanto divide, articula ser e prática, produz o sujeito (2009, p. 38) na órbita do governo, controle e orientação. Com o termo “profanação” Agamben faz saber do contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido (2009, p. 45). É importante frisar que neste aspecto vem à tona a imagem de indivíduo e, portanto, o cuidado de si a ressaltar.

Partindo dessa conjuntura Agamben pensa o contemporâneo como a concomitância entre textos e autores que se examinam. Para ele só é contemporâneo aquele que não coincide com o próprio tempo, por isso, inatual. Um homem pode até não gostar do próprio tempo, mas sabe que não pode fugir a ele. Pertencer ao tempo da cisão significa manter “fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (Agamben, 2009, p. 62). O que poderia sugerir inércia, no entanto, requer uma atividade ou o que o filósofo chama de habilidade particular para saber se situar em sua época, não se deixando cegar pelas luzes, mas entrever o escuro nelas. Percebê-lo como algo que lhe concerne e sem cessar interpelá-lo. Há nesta perspectiva o fator intempestividade como urgência, o mesmo que “reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós” (Agamben, 2009, p. 66).

² Para Foucault o termo "Dispositivo" possui três acepções: Novelo ou meada; assemelha-se a máquina de fazer ver e falar; implica linhas de forças que atravessam as instâncias de saber, poder e subjetividade, foco de todas as suas pesquisas.

A contemplação paradoxal de contemporaneidade atrelada em sua etimologia à proximidade com a origem, nos pressupostos de Agamben, entre o arcaico e o moderno há um compromisso secreto. Este, pode ser apontado numa faceta do presente como uma “parte de não-vivido em todo vivido” (2009, p. 70) demarcando assim, a descontinuidade a qual resulta na fratura entre os tempos para poder melhor se situar.

Diante do exposto vejamos como é possível associar o raciocínio teórico com o romance *A Resistência*. Adotando esta literatura como contemporânea, não apenas pela data de publicação da 1ª edição (2015) pela Editora Companhia das Letras, sequer pelo autor Julián Fuks nascido em 1981 ser nosso contemporâneo, mas em decorrência de muito da reflexão suscitada por ele no romance, ser aclarada pela teoria de Giorgio Agamben, conforme desenvolveremos a seguir.

Como indicamos anteriormente o romance apresenta um entrecruzar temporal, uma opção narrativa no intuito de compreensão mais aprofundada do presente por parte do narrador. Portanto, temos o plano da narrativa alicerçada no presente e outro plano sedimentado na vivência (a narração) dos acontecimentos do passado, junto a um terceiro plano narrativo eivado de incertezas no futuro. De todos sobressai na ficção o tempo presente por sua incompletude, por si só, marca explícita da importância do contemporâneo conforme ensina Agamben. Sendo assim, tomemos a título de ilustração deste debate uma reflexão empreendida no romance que consideramos chave perante a propositura teórica do filósofo italiano.

“É preciso aprender a resistir, mas resistir nunca será se entregar a uma sorte já lançada, nunca será se curvar a um futuro inevitável. Quanto do aprender a resistir não será aprender a perguntar-se?” (Fuks, 2018, p. 79).

Por este trecho do romance podemos observar um desajuste com o tempo presente, uma espécie de desencontro temporal. Na fala do narrador avaliamos como aquela insatisfação com o desconhecido do tempo presente (a fratura nos termos de Agamben), o se encontrar na indagação do próprio significado na vida, enfim, o

visualizar o escuro do tempo presente, conforme defende Agamben (2009). Resistir no romance é um aprendizado diante dos obstáculos, os reais e os interiores. Na narrativa o verbo (resistir, a ação) acontece desde mudar de espaço, reuniões com os simpatizantes da liberdade até se amplificar na escolha do substantivo (resistência). Nesta, a estratégia envereda no contemporâneo da reflexão, da revisão das atitudes, iniciativas tomadas e, por fim, no registro de tudo isso no formato de um livro. Por isso, a ênfase espalhada por toda a narrativa: “É preciso aprender a resistir”. Cada qual a seu tempo e a seu modo.

Na esteira desse raciocínio, flagramos no enredo de *A Resistência* uma passagem na qual identificamos a luta travada entre a luz e o escuro a fim de se situar no contemporâneo. “Vocês falam demais, vocês falam demais e não veem” (Fuks, 2018, p. 122). Em se tratando de uma fala do narrador, temos na repetição da frase a sugestão de que é ele quem enxerga o que os outros não veem. É ele quem fala menos e, portanto, pondera mais. Principalmente, quando ele é acossado por um vazio perene no ato da narração, o que entendemos como alguém situado num presente, mas inconformado com ele.

O fato de o narrador escrever a respeito do irmão e como ele entrou na sua família, a importância dele, levou-o a refazer os passos dos pais na Argentina. Neste espaço, é capaz de concluir: “Sou eu, e não ele, que desejo encontrar um sentido, sou eu que desejo redimir minha própria imobilidade, sou eu que quero voltar a pertencer ao lugar a que nunca pertenci” (Fuks, 2018, p. 131). O que leva a pensar numa luz pretendida, mas não alcançada, o contemporâneo na ótica da resistência. O narrador assim se mostra como estava no tempo da ação: imobilizado pela situação, porém, consciente de quando era criança não havia possibilidade de interação. Adulto, ele o faz por meio da escrita, a resistência se mostra pelo alcance da meditação empreendida e levada ao leitor de agora. Nisso podemos dizer que o contemporâneo em debate se corporifica na vida do narrador pela inconclusão de suas reflexões.

5 PALAVRAS FINAIS

Nosso artigo ao almejar uma reflexão do romance *A Resistência* do escritor Julián Fuks, lançando mão do aparato teórico de Giorgio Agamben nos livros *Homo sacer* (2002), *O que é o contemporâneo* (2009), *Ideia da Prosa* (2012), pretendeu observar não apenas a construção estética do texto literário, sua forma, arranjo do conteúdo, opções teóricas na escrita criativa, mas como em nossa opinião crítica, esta literatura possa ser qualificada de contemporânea.

Com o livro *Ideia da prosa* (2012) estabelecemos parâmetros para observar na linguagem de *A Resistência* substratos capazes de mensurar seu sentido. Por ser literatura carrega em si não apenas o conhecimento histórico, portanto político, sobretudo, as emoções não extravasadas na situação narrativa eleita pelo escritor. A prosa em questão denota assim, seu aspecto de não resolução, a margem possível do leitor pensar a respeito, por si só garantidora da qualidade estética dessa criação literária. Mostra-se na narrativa exatamente a vida que passa pelo crivo da linguagem, portanto, a saída da mera vida biológica inserindo-se na vida política. Exatamente porque o narrador alcança um certo equilíbrio interno ao se realizar como escritor.

No romance de Fuks o ato de narrar a vida da família perseguida, contar suas ações de enfrentamento ao regime ditatorial tanto na Argentina (1976-1983) quanto no Brasil (1964-1985), mais explicitamente - o que cada um fez para resistir - perfaz no conjunto da história, a resistência política, para em seguida fixar a narração apenas na resistência, os efeitos causados pela vivência nos anos sob o regime ditatorial, no que interpretamos ser a busca por um motivo existencial por parte do narrador do romance. É o que podemos verificar neste excerto: “sou o filho orgulhoso de um guerrilheiro de esquerda e isso em parte me justifica, isso redime minha própria inércia, isso me insere precisamente numa linhagem de inconformistas” (Fuks, 2018, p. 38). É a dedução possível diante da indagação entre o que é do âmbito do real e o que é da ficção colocada em circulação na leitura dessa obra literária.

Dessa forma, Julián Fuks põe em tela a vida nua, a vida sacra, a vida humana desvendada teoricamente por Giorgio Agamben em *Homo sacer* (2002). Uma vida negada em termos de poder, domínio sobre o outro, porém, nas suas origens etimológicas, induz a pensar num cuidado, um autoconhecimento necessário a se fazer. Em termos ficcionais isto pode ser ilustrado em: “[...] a indizível circunstância em que calar não é trair, em que calar é resistir, a prova mais extrema de compromisso e amizade. Calar para salvar o outro: calar e aniquilar-se” (Fuks, 2018, p. 52). É justamente o que encontramos na literatura na medida em que o presente se agiganta na narrativa, impõe a necessidade de se entendê-lo. Por isso faz sentido nossa conclusão de que o narrador se encontra no escuro de si, contemporâneo de um vazio, buscando razões e motivos no outro, em si, no seu tempo para resistir.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **Ideia da prosa**. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ARIÈS, Philippe. O engajamento do homem moderno na História. In: **O tempo da História**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. p. 48-60.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FUKS, Julián. **A Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FUKS, Julián. **Informações biográficas e formação**. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/475770/julian-miguel-barbero-fuks> Acesso em 04 jun. 2024.

ROCHA, Dilson Brito. O dispositivo *Homo sacer* em Agamben: a vida humana ameaçada pela exceção soberana. **Revista Filogenese**, Marília, v. 15, p. 85-96, 2021.

MOURA, Bruno Freitas. Ditadura militar ou civil-militar? O que está por trás dos nomes? **Agência Brasil**, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-03/ditadura-militar-ou-civil-militar-saiba-o-que-esta-por-tras-dos-nomes>. Acesso em 29 maio 2024.

USP Projeto Memória e Resistência. **Histórico da Ditadura Civil Militar Argentina**. Disponível em: https://memresist.webhostusp.sti.usp.br/?page_id=239. Acesso em 29 maio 2024.